

# António Gedeão – Fala do homem nascido

Venho da terra assombrada,  
do ventre de minha mãe;  
não pretendo roubar nada  
nem fazer mal a ninguém.

Só quero o que me é devido  
por me trazerem aqui,  
que eu nem sequer fui ouvido  
no acto de que nasci.

Trago boca para comer  
e olhos para desejar.  
Com licença, quero passar,  
tenho pressa de viver.  
Com licença! Com licença!  
Que a vida é água a correr.  
Venho do fundo do tempo;  
não tenho tempo a perder.

Minha barca aparelhada  
solta o pano rumo ao norte;  
meu desejo é passaporte  
para a fronteira fechada.  
Não há ventos que não prestem  
nem marés que não convenham,  
nem forças que me molestem,  
correntes que me detenham.

Quero eu e a Natureza,  
que a Natureza sou eu,  
e as forças da Natureza  
nunca ninguém as venceu.

Com licença! Com licença!

Que a barca se fez ao mar.  
Não há poder que me vença.  
Mesmo morto hei-de passar.  
Com licença! Com licença!  
Com rumo à estrela polar.

**António Gedeão, Teatro do mundo**